



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 19 DE ABRIL DE 1960.

NO PALÁCIO ITAMARATI, PERANTE OS MEMBROS
DO CONSELHO DA OPERAÇÃO PAN-AMERICANA.

- 373 Foi desejo meu participar desta reunião, às vésperas da mudança da Capital Federal, para, a um só tempo, despedir-me do Palácio Itamarati e reafirmar as linhas da política exterior de meu Governo, principalmente no tocante à Operação Pan-Americana.
- 374 Não poderia o Governo partir para a nova Capital, sem antes prestar a sua homenagem a esta Casa que, durante quase um século, simbolizou a instituição permanentemente incumbida de velar pela soberania da Pátria, defender os interesses nacionais e promover a sua grandeza crescente no cenário mundial. Quero dizer-vos que o Itamarati não irá desintegrar-se da justa aura de tradição que o cerca e prosseguirá a serviço de nossa política exterior. Nêle serão mantidos vários órgãos, uns em caráter transitório, enquanto estiverem sediadas no Rio de Janeiro as representações estrangeiras, outros em caráter permanente, para atendimento aos numerosos problemas desta cidade ilustre e querida, núcleo de cultura da mais extraordinária importância. Nesta Casa, símbolo de edificante política exterior pacifista, funcionará, para educação cívica, aberto ao povo, o museu de nossa história diplomática, que abrange em grande parte, nas suas fases mais relevantes, a própria história da formação de nosso país. Estou em entendimentos com o Senhor Ministro de

Estado das Relações Exteriores para aqui estabelecer um centro de cursos e conferências, quer sobre a evolução de nossa diplomacia, quer sobre problemas da atualidade econômica e política relacionados com a vida internacional. Homens públicos, doutrinadores, figuras eminentes de renome universal serão convidados a falar aos círculos intelectuais do Estado da Guanabara. No Itamarati, conjunto de serena beleza, sagrado para o Brasil pelo seu patrimônio preciosíssimo, permanecerá o Instituto Rio Branco. Só mesmo em seus recintos, onde velam as sombras de tantos homens ilustres que de corpo e alma se dedicaram à Pátria, que pensaram e viveram os nossos mais importantes problemas — poderiam abrigar-se os moços que amanhã levarão a alma do Brasil a outras terras. A presença invisível, mas real, do Barão do Rio Branco, há de ser perenemente sentida nesta Casa em que viveu os seus mais fecundos e gloriosos anos e entregou a Deus o espírito, zelando para que a mocidade, que aqui estuda, se impregne dos conhecimentos indispensáveis à vida diplomática e tenha plena consciência de como esta se desenvolve nos tempos modernos. A nota predominante na ação de Rio Branco, que ampliou as dimensões continentais do Brasil, foi a objetividade. Ele sabia impossível a tranquilidade para qualquer ação futura, sem que se tornasse nítido e indiscutível o território nacional. Deu-nos ele a base infra-estrutural que nos permitiu atuar no campo pan-americano.

Aos jovens brasileiros, que vão consagrar-se à defesa dos nossos interesses e à projeção do nome da nossa Pátria no exterior, numa época marcada pela contradição, pelo risco, como nenhuma outra o foi, quero, em poucas palavras, recomendar, como essencial, que conheçam bem o seu próprio país, na sua continuidade histórica e nos seus aspectos geográficos, nas suas possibilidades econômicas, tendências e inclinações mais profundas, na sua alma e nas suas aspirações; e que

guardem bem vivo que hoje é absolutamente imprescindível serem objetivos em todos os seus atos. Não há ação profícua, sem que seja presidida por um espírito objetivo. A diplomacia, nos dias que correm, não é apenas uma arte, um modo de agir, mas também uma técnica. Não basta ligar-nos aos países amigos, compreendê-los nas suas peculiaridades e tendências políticas; importa, ainda, entreter relações substanciais com eles — comprar, vender, explicar o que somos e saber o que êles são. O desenvolvimento, a expansão, o ímpeto dêste novo Brasil — do Brasil de Brasília — estão impondo um crescente dinamismo ao nosso serviço diplomático. Temos de usar o que estiver a nosso alcance para que se tornem evidentes o que pretendemos e a nossa mensagem de paz, de colaboração com os povos. Que sejam disciplinados os funcionários do serviço exterior, mas não limitados ou intimados pela rotina, pelo hábito, pelo mês de agir. A ordem, a harmonia, as relações corretas, o atendimento a ordens superiores devem estimular e não coibir o espirito de iniciativa, a benéfica revisão de julgamentos e o impulso criador que a presença da juventude empresta a tôdas as obras humanas. Cada geração traz uma visão própria e direta, um amor à autenticidade e à grandeza que não seria justo deixar desaproveitado.

376 Aos jovens do Instituto Rio Branco é que está confiado, pelo tempo adiante, tornar cada vez mais dinâmicas as iniciativas que formulamos em matéria de relações internacionais.

377 Meus senhores ! Pedi que aqui se reunissem hoje, além dos demais convidados de honra, os membros do Conselho da Operação Pan-Americana ,a fim de nos inteirarmos da posição em que se encontra êste movimento — que considero ponto de singular importância em nossa política externa. Não examinarei, por bastante conhecido, o resultado das visitas feitas a êste país

pelo Presidente da República do México, Dr. López Mateos, e pelo Presidente dos Estados Unidos da América, General Eisenhower, visitas de suma significação para a política de desenvolvimento harmônico do Continente. É fato público ter a Operação Pan-Americana encontrado seu caminho definitivo. A adver-tência que encerra já está produzindo sensíveis efeitos.

Dentro em breve, antecipando-se à próxima reunião dos delegados das 21 nações americanas, irá reunir-se a Comissão dos nove países, nascida de uma resolução votada na Conferência de Buenos Aires. O trabalho dessa Comissão, para a qual o Brasil acaba de designar os componentes, consiste em ordenar, em escala prioritária, os primeiros atos que devem ser praticados para que a Operação Pan-Americana comece a erguer suas construções sulcadoras. 378

Vamos iniciar uma batalha conjunta para solucionar neste hemisfério o grave problema da estagnação, que é o reino da miséria. Já sabemos que só há uma luta válida, a de acelerar o desenvolvimento a fim de pôr paradeiro ao atraso que nos degrada. Que sabem o que fazer com a liberdade as populações das zonas sub-desenvolvidas onde reina o total desconforto, a doença, a carência de quaisquer recursos ? A consciência de que existem populações às quais não aproveita sequer serem livres é o fundamento moral da Operação Pan-American, vale dizer, a sua substância. Não nos debruçamos nós, homens de Estado da América Latina, sobre um mundo de estagnação e de miséria, levados somente por comovido constrangimento. A Operação Pan-American é também um problema político. Quem não compreendeu que esta é a sua nota justa, nada compreendeu ainda. O avanço tecnológico do mundo nesta hora faz aflorar a esperança. Pelo menos, é mais fácil atingir os propósitos da Operação Pan-American do que alcançar pontos em zonas siderais, descobrir novos mundos, caminhos novos para os astros. 379

A América está-se pondo em ordem de marcha. Não ignoro que teremos muitos obstáculos por vencer, muito trabalho de elucidação que realizar, longa e paciente ação a desenvolver. Vamo-nos despertando, aos poucos, todos nós — não apenas os dirigentes — para uma ação eficaz, de que resultará a salvação da democracia, sob cujas leis queremos viver. Creio que ninguém, a esta altura, duvida estar certo, nas suas idéias fundamentais, o movimento que reúne as esperanças do Continente. Ficou perfeitamente esclarecido — apesar de algumas deturpações — que jamais intencionou a Operação Pan-Americana apelar para a filantropia, mas sim para a razão; que não pretendíamos senão exatamente o que dizíamos pretender. Sustentou-se, sempre, nessa batalha que apenas começa, a autenticidade dos sentimentos com que a formulamos. Não visávamos a pequenos resultados com grandes palavras: visávamos, e visamos realmente, a um alto objetivo. Amadurece, na América, a idéia de que nos obrigamos a enfrentar problemas que tinham ontem uma significação menos relevante para nós. Encontramo-nos diante da imperiosa urgência de recuperar o tempo perdido, de não continuar na marcha em que nos vínhamos arrastando. Tôdas as palavras em tal sentido aliás já foram ditas, todos os bons propósitos, formulados. Passamos das formas vagas para as declarações categóricas. Ninguém ignora que a estabilidade democrática periclitava em países de economia rudimentar, exportadores de matérias-primas sujeitas a ameaças e flutuações. Já disse eu muitas vezes o que importava dizer. Ainda há poucos dias, o Presidente Lleras Camargo, da Colômbia, em sua visita aos Estados Unidos, com a lucidez de seu espírito e a sua autoridade de democrata fiel nas horas boas e más, definiu a situação dêste hemisfério, e referiu-se à Operação Pan-Americana, colocando-a em termos justos, lúcidos e lapidares, que sem hesitação faço meus neste momento. A hora de agir é chegada. A Operação Pan-Americana

precisa, decididamente, concretizar-se. E isto vamos empreender, se Deus quiser. Não nos dirigimos apenas aos povos que podem ajudar-nos a dar um passo à frente, mas a nós mesmos, interessados, mais do que ninguém, em movimentar as regiões estagnadas. Reafirmamos que a Operação Pan-Americana se apresenta como solução imediata porque é antes de tudo o despertar, lento mas seguro, de uma longa hibernação. Devemos, primeiro, mobilizar-nos a nós próprios; despertar para o mundo de hoje; despertar para os problemas que se originaram dos efeitos de uma tecnologia adiantadíssima a ameaçar incessantemente os chamados países de plantação, que vivem de exportar matérias-primas e que, por motivos os mais diversos, não acompanharam o ritmo de crescimento das nações desenvolvidas.

Temos em elaboração uma política de âmbito regional, em concordância com as nações de nossa fraternidade continental. Um sôpro renovador revitaliza o pan-americanismo, que já se ia transformando em saudosismo, em frases feitas, em hábitos alheios às realidades presentes. Dêsse novo pan-americanismo não se exclui a colaboração da Europa. Muito ao contrário. A Operação Pan-Americana necessita vitalmente de seu apoio. 381

Nossa diplomacia encontrará, nessa atividade, um campo fértil para ação objetiva e concreta. Estamos em face de um trabalho de extensa envergadura, de esforço e de criação contínua. A política externa vai-se tornando progressivamente realista. As nossas relações com a Europa aceleram o seu ritmo, adquirem solidez e já não se limitam a compra e venda de produtos. Contamos com amigos em toda a parte do mundo. E está fora de dúvida que essa amizade se tornará mais estreita, ativa, efetiva. 382

- 383 Não duvido, um só instante, que a diplomacia brasileira, que tão magnificamente soube defender no passado os direitos do Brasil, está à altura da hora presente e constituirá fator decisivo na fase, que vivemos, de expansão das nossas fronteiras econômicas e integração dos países da América num mesmo propósito de desenvolvimento geral.
- 384 Meus senhores ! Nesta solenidade, quero agradecer, de modo muito especial, pelo seu devotamento sobre-tudo à causa pan-americana, ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, ao Embaixador Francisco Negrão de Lima e ao Ministro Horácio Láfer. O largo tirocínio e a dedicação ímpar dos meus ex-ministros e do atual, à frente dêste Ministério, fizeram que não sofresse solução de continuidade a linha da política exterior brasileira, traçada pelos seus mais ilustres dirigentes.
- 385 Não podem ser esquecidos, nesta hora, dois dos vultos mais dedicados aos ideais do Pan-Americanismo: um, para sempre ausente, o Embaixador Oswaldo Aranha — que tanto dignificou esta Casa; outro, o Doutor Augusto Frederico Schmidt, que vem desinteressadamente pondo a serviço da Operação Pan-Americana, desde quando germinava ainda, a sua inteligência, a sua cultura, a sua intuição política. É o Doutor Augusto Frederico Schmidt uma dessas personalidades raras, em que se harmonizam as virtudes de criação do ser contemplativo com os dons do homem de ação. A êle o meu mais sincero muito obrigado.
- 386 Ao terminar, meus senhores, evoco, com respeito profundo, a figura de Rio Branco e de todos os varões que nesta Casa deixaram exemplos tão augustos de patriotismo.
- 387 Aos ilustres Chefes de Missão credenciados no Brasil, que nos deram a honra de sua presença, peço

que enviem aos países amigos, que representam, a palavra de saudação cordial do meu Govêrno na hora em que o Brasil pratica um dos atos mais decisivos de sua história.